

A influência das economias emergentes em assuntos internacionais

NUBIA NIETO

O ADVENTO de um novo grupo de economias emergentes agrupadas no Bric (Brasil, Rússia, Índia e China) provocou uma mudança no cenário internacional, não só no âmbito diplomático, mas também na estrutura econômica, política e cultural do mundo inteiro.

O poder do Bric está presente tanto em seu crescimento econômico como na sua concentração de terra e população: mais de um quarto do território do mundo e mais de 40% da sua população. Isso para não falarmos da contribuição do Bric – US\$ 15,435 trilhões – ao Produto Interno Bruto (PIB) do mundo (Goldman Sachs, 2003). Em 2020, espera-se que a economia do Bric represente um terço da economia mundial (em PPP¹) e contribua com cerca de 49% do crescimento do PIB mundial (Goldman Sachs, 2010, p.2):

Está claro que o Bric já começou a desempenhar papel mais significativo na economia mundial e no cenário político mundial. Os países do Bric contribuíram com 36,3% do crescimento do PIB mundial em PPP (ou 27,8% em dólares) ao longo da primeira década do século. Também aumentaram constantemente sua participação na produção global. Eles representam atualmente cerca de um quarto da economia mundial (em PPP).

Nesse contexto, o impacto do Bric torna-se primordial na formação do sistema político mundial. Este artigo visa analisar as seguintes questões: Como o cenário internacional mudou com a presença do Bric? O Bric eclipsará o poder econômico dos países mais ricos do mundo? E, por fim, quais são as estratégias do Bric para projetar seu poder?

O texto tenta alcançar os seguintes objetivos: 1) estudar o papel do Bric no sistema político mundial; 2) analisar a influência econômica do Bric na arena internacional; e 3) descrever as táticas implementadas pelo Bric para projetar sua influência e fazer-se ouvir em todo o mundo.

As hipóteses propostas neste texto supõem que o cenário internacional mudou após a chegada dos países do Bric, de tal modo que hoje há mais protagonistas dominando o sistema político global. Também supõem que o crescimento econômico do Bric pode colocar em risco a liderança dos países mais ricos do mundo. Por fim, supõem que o Bric esteja criando um conjunto de estratégias para projetar seu poder ao redor do mundo – por exemplo, a criação

de escolas e centros de saúde na África ou na América Latina – e promovendo uma política internacional de não intervenção nas “questões políticas” de qualquer país.

O texto será apresentado em três partes: a primeira expõe os elementos do novo contexto internacional, cujo sistema político global foi modificado pela presença dos países do Bric. A segunda parte descreve o crescimento econômico do Bric e os riscos desse crescimento para os países mais ricos do mundo. A terceira contém uma discussão genérica das estratégias utilizadas pelo Bric para promover sua influência ao redor do mundo. Por fim, alguns comentários serão feitos à guisa de conclusão deste trabalho.

Um novo contexto internacional

Nas últimas décadas, o mundo tem vivenciado muitas mudanças. Novas tecnologias permitiram comunicações mais rápidas, governos mudaram leis que no passado restringiam o comércio e houve um aumento nos fluxos de capital, pessoas e conhecimento. Nesse contexto, novos protagonistas² vão surgindo para assumir um papel importante em política externa³ e no sistema político global.⁴

Segundo McGrew (1992, p.312), o mundo está no limiar de uma nova etapa histórica: “A crescente regionalização da economia mundial e o surgimento de novos eixos de conflito e de alinhamento estão entre uma série de acontecimentos recentes que sugerem que o mundo está no limiar de uma nova época histórica”.

A nova etapa histórica também parece ser mais complicada do que as do passado. Khanna (2008) aponta que o colapso da União Soviética e para o fim da hegemonia dos Estados Unidos como entidade capaz de exercer poderio militar em qualquer lugar do planeta. Os Estados Unidos não são mais uma “potência unipolar” porque agora há outros protagonistas importantes no cenário internacional, como a Europa e a China – para não falar do crescente poder do segundo mundo.⁵

A configuração do sistema político mundial foi modificada com a presença do Bric,⁶ resultando em um novo poder emergente, que concentra 12,8% do comércio global. Nesse cenário, o poder e a influência do Bric não podem passar despercebidos pelas principais organizações mundiais e cúpulas internacionais, como o G20,⁷ o G2⁸ e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A presença e o poder do Bric no sistema político mundial são impulsionados pela diversidade cultural, a desigualdade econômica, a fragmentação política e o conflito de interesses entre os países industrializados mais ricos e as novas economias emergentes.

Nesse cenário, Montbrial (2010b, p.11) indica:

Não estamos preparados para enfrentar um novo cenário global. Os ocidentais aceitam com dificuldade o fato de terem de partilhar o poder com Estados

que eram outrora chamados de “Terceiro Mundo”. Por outro lado, os novos polos de poder, como a China ou a Índia, querem desfrutar mais soberania. A reconstrução da governança mundial é um assunto sério, que deve engajar os Estados do G-20 e os países da União Europeia e da América do Norte no sentido de antever futuros conflitos.

A crescente influência do Bric está repleta de novas tensões, como observa Khanna (2008, p.337): “Cada poder se esforça para obter a posição mais vantajosa, embora nenhum seja poderoso o suficiente para ditar o sistema por si só”.

Tanto os países industrializados como os membros do Bric precisam competir pelos recursos naturais de um único planeta. Por exemplo, a demanda por aço das economias Bric está crescendo, como notou a OCDE (2007), e poderá representar uma fonte de conflito:

As chamadas economias Bric (Brasil, Rússia, Índia e China) estão liderando o crescimento da demanda mundial. O consumo de aço da China alcançou 318 milhões de toneladas nos primeiros nove meses do ano, um aumento de 30,8 milhões de toneladas ou 10,7% em relação ao mesmo período do ano passado. Consumo da Índia também está crescendo mais de 10% ao ano, embora num patamar bem mais baixo, cerca de 45 milhões de toneladas. Em resposta à demanda crescente, a Índia poderá ter se tornado uma importadora de aço em algum momento de 2007. A demanda por aço no Brasil está sendo alimentada pelo crescimento dinâmico de setores como construção civil, maquinário mecânico e produção automotiva. Na Rússia, a enorme expansão dos setores de petróleo e gás e o aumento da renda familiar continuam a estimular a demanda por aço. A demanda por aço nessas economias deve continuar apresentando forte crescimento em 2008, embora certa moderação se fará sentir devido à desaceleração econômica global.

Nesse cenário, os recursos naturais tornam-se elemento fundamental para a continuidade do desenvolvimento industrial e econômico, tanto das economias do Bric como as dos países industrializados.

O conflito, portanto, será formulado entre os países industrializados tradicionais e os novos, recém-industrializados, sedentos de riqueza e de poder, em várias partes do mundo. Com isso, a hegemonia ocidental mundial será reconfigurada.

O novo sistema político mundial, pela primeira vez na história, estabeleceu um mundo multipolar e multicivilizacional, onde há mais protagonistas, variados interesses e rivalidades, e uma longa lista de desafios e ameaças à manutenção de um equilíbrio de poder e da paz mundial.⁹

A força econômica do Bric

Os países do Bric são os quatro maiores economias fora da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). São as únicas economias em desenvolvimento com PIB anual superior a US\$ 1 trilhão (o da Indonésia é apenas metade disso). Com exceção da Rússia, desfrutaram crescimento melhor do que a maioria durante a grande recessão e, sem eles, a produção mundial teria caído ainda mais. A China também tornou-se, por uma fração, o

maior país exportador do mundo. Ao mesmo tempo, os países do Bric também estão aumentando o volume das trocas entre si: o comércio entre China e Índia vem crescendo e deve alcançar US\$ 60 bilhões este ano. A China também já se tornou o maior mercado para os países em rápida industrialização do Leste da Ásia (*The Economist*, 2010).

As economias de mercado emergentes reunidas no Bric estão desempenhando papel importante na economia mundial e no desenvolvimento de economias internas. Contudo, o sinal mais marcante da importância do Bric para a economia mundial talvez sejam suas reservas cambiais. Os quatro países estão entre os 10 maiores acumuladores de reservas, representando 40% do total mundial. China é de longe o maior, com espantosa reserva de US\$ 2,4 trilhões. Ela é o segundo maior credor líquido do mundo, depois do Japão (crédito líquido implica tanto ativos como passivos). As reservas cambiais da Rússia eram praticamente zero quando o país começou as reformas do mercado em 1992; agora atingem US\$ 420 bilhões. Se o Bric pusesse de lado um sexto de suas reservas, concentraria recursos equivalentes aos do Fundo Monetário Internacional (FMI) (*The Economist*, 2010).

Em termos de ativos estrangeiros, os países do Bric contaram com amotecedores que os protegeram durante a grande recessão e contribuíram para transformá-los em potências financeiras. Enquanto a maioria dos países ocidentais luta para controlar déficits orçamentários recordes e dívidas crescentes, os níveis de endividamento público do Bric são mais modestos e estáveis (a Índia é uma exceção parcial). A maioria dos bancos de investimento *oferece* dinheiro ao Bric. Os dois maiores bancos do mundo são chineses (*The Economist*, 2010).

Os países ocidentais e industrializados têm enfrentado dificuldades para manter o crescimento econômico e criar empregos, os quais foram transferidos para a área do Bric. E à medida que essas economias se desenvolvem, quantias enormes de dinheiro vão sendo investidas para melhorar a infraestrutura – por exemplo, sistemas de energia, telecomunicações e transporte –, especialmente na Índia e na China (Lin Tee, 2010).

De acordo com o relatório do Goldman Sachs “Dreaming with Brics: the path to 2050” [“Sonhando com o Bric rumo a 2050”], apresentado em 2003, as economias Bric, em conjunto, podem se tornar daqui a menos de quarenta anos maiores que as dos seis países mais desenvolvidos do mundo. Isso significa que, em dólares, serão maiores do que o Grupo dos 6 (G6) em menos de quatro décadas. Dos países que hoje constituem o G6 – Grã-Bretanha, Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Japão, Itália e França –, é possível que apenas Estados Unidos e Japão estejam entre as seis maiores economias do mundo, em dólares, em 2050 (Goldman Sachs, 2003).

Segundo previsões do Goldman Sachs (2010), a economia do Brasil será maior que a Itália em 2020; Índia e Rússia, individualmente, serão maiores que Espanha, Canadá ou Itália (Goldman Sachs, 2010, p.1).

O Goldman Sachs espera que as economias do Bric ultrapassem a dos Estados Unidos em 2027, não em 2035. Também superarão a dos países do G6 até 2031. Muitos especialistas em relações internacionais indicam que o crescimento econômico do Bric revela o declínio do mundo ocidental. A esse respeito, Nial Ferguson (2010) diz:

O que estamos testemunhando é o declínio do mundo ocidental. Contemplamos o predomínio ininterrupto do Ocidente por mais de cinco séculos, do século XV ao XIX. Desde o século XV, os países ocidentais, principalmente Europa, Estados Unidos, Canadá e Austrália aumentaram seu poder, até que, no século XIX, o Ocidente dominava completamente o mundo.

O que estamos presenciando hoje é uma reconfiguração histórica fundamental. Um rebalanceamento, o retorno a certo equilíbrio entre Ocidente e Oriente. Para os países asiáticos, essa é uma grande notícia, pois tiveram de suportar séculos de estagnação. O fato é que eles estão desfrutando taxas de crescimento entre 7% e 10%, mesmo em época de recessão. É uma grande notícia para a Ásia (Ferguson, 2010).

A influência das economias emergentes está crescendo e, de acordo com Ferguson, os países do Bric em breve avançarão do processo de produção para o de inovação, o que poderá colocar em risco os setores mais fortes dos países industrializados.

Os americanos pensam que detêm a propriedade intelectual, o design, a criação; eles pensam que os chineses vão continuar se dedicando à fabricação. É verdade que os EUA ainda são o melhor lugar do mundo para tornar uma ideia realidade e transformá-la em um negócio. Em termos de inovação, ainda estão à frente. Mas ninguém deve supor que têm o monopólio da inovação. (Ferguson, 2010)

A história das finanças, diz Ferguson (2010), mostra que é muito fácil roubar as ideias e conceitos de um inovador.

A Grã-Bretanha foi inovadora na revolução industrial, mas em poucos anos as ideias britânicas foram tomadas emprestadas e aperfeiçoadas por países como a Alemanha. É muito difícil proteger a propriedade intelectual; a pirataria é um fenômeno não só no mar da Somália, mas em todo o mundo asiático. Isso se traduz em poder de diferentes maneiras. Se medirmos poder de forma tradicional – exércitos e marinhas, esse tipo de coisa – a China fica muito, muito atrás. Poder militar, contudo, não envolve apenas veículos e aeronaves (embora a China esteja construindo ambos). Também diz respeito a software e tecnologia, e a cibernética é uma área à qual China e Índia têm condições de se dedicar, podendo facilmente alcançar o nível dos EUA. Esta é, no momento, uma das maiores preocupações do Pentágono. Creio que ainda há muitos anos pela frente até que o exército chinês possa desafiar o americano num combate aberto nas águas do Pacífico, mas também creio que a China tem condições de remediar esse descompasso geopolítico.

O poder de influência do Bric e de outras economias emergentes está florescendo nessa época de globalização¹⁰ e de incerteza financeira, que também

estão criando um sistema político global mais complicado e difícil de compreender e prever, visto que não seguirá as receitas e modelos do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional ou de qualquer outra instituição hegemônica mundial.

Projeção de poder do Bric

O desempenho econômico dos países do Bric se traduz em diferentes tipos de influência, tais como a organização de encontros anuais,¹¹ a discussão das principais questões da agenda internacional, a reforma do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional e o exercício de um papel ativo no G20 – para não falar da nova projeção do Bric em termos de *poder brando*.¹²

De acordo com Dodd (2010a), as economias emergentes, particularmente a China, estão usando o poder brando para atrair aliados e partidários e assim aumentar sua influência em diversas partes do mundo – o mesmo modelo seguido pelos norte-americanos. O governo chinês está promovendo ampla gama de eventos para projetar seu poder brando. A Exposição Mundial realizada em Xangai de maio a outubro de 2010 e os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008 ajudaram a promover a imagem da China como um país acolhedor e caloroso, com um sistema político diferente do norte-americano e do britânico. Além disso, a China está criando inúmeras organizações ao redor do mundo para promover a língua chinesa, incluindo mais de duas mil escolas e milhares de instituições. Para não falar na promoção da cultura chinesa: Tai Chi, a filosofia de Confúcio, tratamentos médicos, exposições de arte, seminários, festivais e outras atividades (ibidem).

A capacidade de atrair apoio para a China é reforçada por meio de acordos de cooperação técnica e apoio financeiro com países pobres, visando implementar políticas de desenvolvimento e de proteção social para suas populações, por exemplo, construção de escolas e hospitais no Peru, no Equador e na África, e também em regiões do próprio Bric: Brasil e Índia.

Por sua vez, segundo o Goldman Sachs (2010), observa-se no Bric o crescimento de uma nova classe média, com renda entre US\$ 6 mil e US\$ 30 mil:

A classe média, tal como a definimos (pessoas com renda superior a US\$ 6.000 e inferior a US\$ 30.000), já cresceu algumas centenas de milhões de pessoas na última década e deverá crescer ainda mais na próxima. O crescimento da classe média será maior na China, onde esperamos que o número de pessoas ingressando nela chegará ao auge ao longo desta década. Ao mesmo tempo, o crescimento da classe média na Índia também vai acelerar ao longo desta década. Como China e Índia são os dois países mais populosos do mundo, o aumento da renda lá terá impacto muito maior na demanda global do que aconteceria em outros países. (ibidem, p.1-2)

A ascensão da classe média também significa que haverá um aumento da “classe alta” na próxima década (pessoas com renda superior a US\$ 30 mil) (ibidem, p.2), provocando competição por recursos e pressões sobre o meio ambiente, níveis de emprego, desempenho dos mercados, capacidade de viajar pelo

mundo, fortalecimento da posição do país e a projeção de seu poder brando.

Para Ferguson (2010), a China está praticando uma forma de altruísmo, evitando condicionar os países:

A mensagem é clara. O governo chinês está dizendo à África que construiremos estradas e outros benefícios, mas vocês precisam assegurar que teremos acesso a suas commodities e matérias-primas. Quanto à sua política interna e aos direitos humanos, ajam como quiserem. Assim, parece-me que, em termos de poder brando, a China está fazendo incursões rápidas e conquistando aliados fortes. Sua influência no mundo está crescendo e, em alguns lugares, já é maior que a dos EUA.

De acordo com Joseph Nye (2004), a capacidade de estabelecer preferências tende a ser associada a ativos intangíveis – personalidade atraente, cultura, valores políticos, instituições políticas, políticas públicas –, que são vistos como legítimos ou dotados de autoridade moral. Nesse sentido, a China está criando uma imagem para promover não só uma atitude positiva, mas também um novo sistema de aliados, atraindo países que não aceitam a ideia de que a cultura ocidental é o único modelo a seguir.

Montbrial (2010a) menciona que o Bric tenta aumentar seu poder estendendo inclusão no grupo a outros países estratégicos, como a Turquia ou o Egito. Ao mesmo tempo, novos países podem ser atraídos para integrar o Bric, o que poderá provocar mudanças políticas imprevisíveis dentro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). As ações do Bric sugerem que a relação de forças nos médio e longo prazo poderá afetar a arena internacional em prol de um grupo de Estados que não partilham a mesma história ou os mesmos sentimentos e valores dos países ocidentais (ibidem, p. 2).

Para Dodd (2010b), a China está mostrando que é possível modernizar o país sem ocidentalizá-lo: “Esta é uma mensagem muito atraente para os 1,2 bilhão de muçulmanos que no passado rejeitaram a modernização por ela implicar ‘ocidentalização’. A China mostrou-lhes que é possível ser moderno e não ser ocidental”.

Dodd (2010b) acredita que a credibilidade ocidental e norte-americana está sob ameaça real do Bric, especialmente depois de Guantánamo, Iraque e Afeganistão. O poder brando ocidental foi prejudicado e a crise de 2008 debilitou ainda mais esse poder:

A interferência dos EUA em outros países também enfraqueceu o poder brando norte-americano. Os danos são tão graves que poderão prejudicar o conjunto dos países ocidentais e a própria democracia. Agora EUA têm um bilhão de inimigos no mundo e a China nenhum. Se a China continuar crescendo na região e no resto do mundo, a democracia se tornará menos importante. (ibidem)

O enfraquecimento do poder brando ocidental e o empoderamento do Bric são acelerados pelo fato de o nível de instrução do povo ser maior do que antes e de a tecnologia tornar mais fácil revelar os abusos dos governos. Desse

modo, o mundo inteiro pode ver as fraquezas dos Estados Unidos, por exemplo, as más condições dos prisioneiros, o alto nível de encarceramento, a pena de morte e a carência de serviços de saúde.

Comentários finais

O mundo do século XXI parece ser bem mais complexo e imprevisível do que o de outrora. Múltiplos polos de poder e realidades multiculturais são as novas variáveis que poderão definir o novo século.

Os objetivos e as hipóteses estabelecidas no início do texto foram analisados em termos que levam em conta a presença de novos protagonistas no sistema político mundial, provenientes de diferentes partes do planeta. O mundo mudou irrevogavelmente. Hoje o mundo tem mais de uma potência branda. O Ocidente ainda não chegou ao fim, mas “algo profundo” mudou, como diz Dodd (2010b). Se incluirmos os poderes financeiro e global, o poder brando já não pertence a um só país e o Bric é uma nova realidade que precisamos estudar a fundo. A tragédia é que muitos países ocidentais não querem aceitar as mudanças da nova realidade internacional, na qual não detêm mais uma posição hegemônica.

Observa-se também que o Bric está criando um novo consenso entre as economias emergentes e atraindo mais e mais dissidentes dentre os países ocidentais em todo o mundo.

Por fim, pode-se dizer que as novas transformações internacionais estão sendo geradas nos mares turbulentos da globalização, tecnologia e desenvolvimento da internet. Os indicadores políticos, econômicos e sociais estão se movendo em direções diferentes ao mesmo tempo, resultando em um mundo cheio de riscos e desafios.

Notas

- 1 PPP: Paridade do Poder de Compra. Esse é um método para medir o poder de compra das moedas de diferentes países em relação aos mesmos tipos de bens e serviços, o que permite comparar o padrão de vida de várias regiões (Goldman Sachs, 2010).
- 2 O termo “protagonista” refere-se aqui a entidades que são capazes de tomar decisões e exercer sua vontade de maneira independente e que são relativamente fáceis de identificar por meio do impacto de suas decisões (Hill, 2003, p.27).
- 3 O termo “política externa” é usado aqui em conformidade com a definição de Hill (2003, p.3): “a soma das relações externas oficiais conduzidas por um protagonista independente (geralmente um Estado) em relações internacionais. A expressão ‘protagonista independente’ permite incluir fenômenos como a União Europeia. As relações externas são ‘oficiais’ para permitir a inclusão de insumos de todas as partes dos mecanismos governantes de um Estado ou de uma empresa e, ao mesmo tempo, manter parcimônia com relação ao grande número de transações internacionais agora sendo realizadas. A política é a ‘soma’ dessas relações oficiais porque, de outra forma, cada ação em particular poderia ser vista como uma política externa distinta – quando, na realidade, os protagonistas geralmente buscam certo grau de coerência diante do mun-

do exterior. Por fim, a política é ‘externa’ porque o mundo continua mais separado em comunidades distintas do que unido numa entidade única e homogeneizadora”.

- 4 Por sistema político global ou mundial entendemos a rede mundial de interações que abrange não apenas Estados, mas também outros protagonistas políticos, tanto “acima” como “abaixo” do Estado. O sistema político global tem cinco características distintivas: complexidade e diversidade; padrões de interação intensos; a permeabilidade da nação-Estado; mudanças rápidas e cada vez mais aceleradas; fragilidade da ordem e da governança. O sistema político global abrange organizações internacionais, fragmentos burocráticos de governos, agências governamentais subnacionais e um conjunto diversificado de órgãos não estatais, desde corporações transnacionais até indivíduos, incluindo forças sociais e de classe, bem como grupos de pressão transnacionais e organizações não governamentais (McGrew, 1992, p.313).
- 5 O segundo mundo é uma zona de grande potencial efetivo e não realizado. São países em transição, com grandes mercados potenciais e as mais importantes economias emergentes. Inclui, entre outros, Índia, Brasil e Rússia. Mas, de acordo com Khanna (2008), somente a China está se tornando uma superpotência.
- 6 A sigla Bric foi introduzida em 2001 por Jim O’Neill, do Goldman Sachs, um banco de Wall Street, para descrever o rápido crescimento econômico do Brasil, Rússia, Índia e China (*The Economist*, 2010).
- 7 G20 é o grupo de vinte ministros da fazenda e diretores do Banco Central da África do Sul, Argentina, Brasil, México, Canadá, Estados Unidos, China, Japão, Coreia do Sul, Índia, Indonésia, Arábia Saudita, União Europeia, França, Alemanha, Itália, Rússia, Turquia, Reino Unido e Austrália.
- 8 Estados Unidos e China.
- 9 Equilíbrio de poder refere-se a uma condição ou tendência de equilíbrio entre Estados. O conceito é útil como fundamento racional para justificar políticas e é uma decorrência natural da política internacional, queiram ou pretendam ou não os diplomatas e suas declarações oficiais. Equilíbrio dinâmico refere-se à tendência inerente do sistema de retornar ao equilíbrio cada vez que este é perturbado (Viotti & Kauppi, 2006, p.550).
- 10 Globalização é a rápida integração e intercâmbio de comércio, cultura, tecnologia, telecomunicações, mercadorias, mercados e força de trabalho entre as nações do mundo (Donnellan, 2005, p.12),
- 11 O primeiro ocorreu em 2009, em Ekaterinburgo, Rússia, o segundo em Brasília, em 2010, e o terceiro será realizado na China em 2011 (Dodd, 2010a)
- 12 *Soft power* é uma forma indireta de poder. “Um país pode conseguir os resultados que deseja na política mundial porque outros países – que admiram seus valores, imitam seu exemplo, aspiram seu nível de prosperidade e abertura – desejam segui-lo. [...] Este *soft power* – conseguir que outros desejem os resultados que desejamos – coopta as pessoas em vez de coagi-las” (Nye, 2004, p.5). O *soft power* repousa na capacidade de moldar as preferências alheias e de “vender” a atratividade do nosso modelo.

Referências

BAYLIS, J. et al. (Ed.) *The globalization of world politics: an introduction to international relations*. 3.ed. Oxford: Oxford University Press, 2004.

- CLARK, I. *Globalization and fragmentation: international relations in the twentieth century*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- CHOMSKY, N. *World orders, old and new*. New York: Columbia University Press, 2001.
- DONNELLAN, C. The globalisation issue. *Independence*, Cambridge, v.98, 2005.
- DODD, P. *Documentaries: soft power*. 1 part. London: BBC Radio Podcasts, 17 May 17, 2010a. Available in: <<http://www.bbc.co.uk/podcasts/series/docarchive/>>. Access: Dec. 2010.
- _____. *Documentaries: soft power*. 2 part. London: BBC Radio Podcasts, May 24, 2010b. Available in: <<http://www.bbc.co.uk/podcasts/series/docarchive/>>. Access: Dec. 2010.
- FERGUSON, N. *The ascent of money*. London: Penguin Books, 2008.
- _____. *Global business: the history man*. A historical perspective on the global financial crisis. Introduced by Peter Day. London: BBC Radio Podcasts, May 25, 2010. Available in: <<http://www.bbc.co.uk/iplayer/console/p007qdv5>>. Access: May 15, 2010.
- GOLDMAN SACHS. Dreaming with Brics: The Path to 2050. *Global Economics Paper*, New York, n.99, 2003.
- _____. BRIC Monthly. *Global Economics*, New York, n.10/03, May 20, 2010.
- HALLIDAY, F. *Rethinking international relations*. London: Macmillan, 1994.
- HILL, C. *The changing politics of foreign policy*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2003.
- HYNSON, C. *New global economies*. London: Franklin Watts, 2008.
- KHANNA, P. *The second world: how emerging powers are redefining global competition in the twenty-first century*. London: Penguin, 2008.
- LIN TEE, S. BRIC economies to peak in 40 years. *The star online*. Malaysia, Business, jun. Available in: <<http://biz.thestar.com.my/news/story.asp?file=/2010/5/22/business/6286425&sec=business>>. Access: Juin 2010.
- McGREW, A.; LEWIS, P. (Ed.) *Global politics*. Oxford: Blackwell, 1992.
- MONTBRIAL, T. Les nouvelles puissances bousculent la politique internationale. *Le Figaro*, Paris, 16 Mai 2010a, p.1-2.
- _____. Comment réparer la gouvernance mondiale. *La Tribune*, Paris, 19 mai 2010b, p.11.
- NICHOLSON, M. *International relations: a concise introduction*. 2.ed. New York: Palgrave MacMillan, 2002.
- NYE, J. *Soft power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004.
- ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. OECD Steel Committee says market remains strong but growing risks cloud outlook. Paris: OECD, Dec. 5, 2007. Available in: <http://www.oecd.org/document/10/0,3746,en_2649_34221_39732042_1_1_1_1,00.html>. Access: Jan. 2011.
- PUTNAM, R. Diplomacy and domestic politics. In: EVANS, P. B. et al. (Ed.) *Double-edged diplomacy: international bargaining and domestic politics*. Princeton: Princeton University Press, 1993. Apêndice.

THE ECONOMIST. The BRICs: The trillion-dollar club. Brazil, Russia, India and China matter individually. But does it make sense to treat the BRICs – or any other combination of emerging powers – as a block? *The Economist Newspaper*, international. London, v.397, n.8678, April 15, 2010. Available in: <http://www.economist.com/world/international/displaystory.cfm?story_id=15912964>. Access: Dec. 2010.

VIOTTI, P.; KAUPPI, M. *International relations and world politics: security, economy, identity*. 3.ed. Upper River, New Jersey: Pearson Prentice-Hall, 2006.

RESUMO – Este artigo examina o impacto das economias emergentes nos assuntos internacionais. A chegada dos países do Bric (Brasil, Rússia, Índia e China) modificou o mapa da ordem mundial e as estratégias para projetar poder hegemônico. O Bric eclipsará o poder econômico dos países mais ricos do mundo? Quais são as principais estratégias do Bric para projetar seu poder no mundo? Essas e outras questões são analisadas no texto, que leva em consideração o novo cenário geopolítico do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Economias emergentes, Bric, Globalização, Relações internacionais, Novas potências mundiais.

ABSTRACT – This article explores the impact of emerging economies in international affairs. The arrival of the Bric's countries (Brazil, Russia, India and China) has changed the map of the global order and the strategies to project hegemonic power. Could the Bric eclipse the economic power of the richest countries of the world? What are the main strategies of Bric to project its power worldwide? These and other questions are analysed in this text taking into account the new geopolitical scenario of the twenty-first century.

KEYWORDS: Emerging economies, Bric, Globalisation, International affairs, New global powers.

Nubia Nieto é Ph.D em Geopolítica pela Paris I Panthéon-Sorbonne, França, e professora assistente da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais, da Unam, México.
@ – nubia.niet@gmail.com

Tradução de Carlos Malferrari. O original em inglês – “The influence of emerging economies in international affairs” – encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta.

Recebido em 24.8.2010 e aceito em 2.9.2010.

